para que o aluno se tornasse autônomo em seu aprendizado, além de poder aprender a assimilar os conteúdos ministrados de uma forma mais humana, mais direta, pensando nas características únicas que cada aluno possui em sua forma de aprendizagem.

Pode-se também, enfim considerar, que essas temáticas apresentadas neste estudo são guias, manuais para nós educadores e que devemos entender a sua importância para assim sabermos aplicar essas práticas para passarmos o conhecimento das matérias aos alunos tudo o que for possível e da melhor forma.

REFERÊNCIAS

6 TENDÊNCIAS PEDAGÓGICAS QUE TODO ESTUDANTE DEVE FICAR DE OLHO. Pitágoras, 2021.

Disponível em: <https://sae.digital/base-nacional-comum-curricular-competencias/>. Acesso em: 20 jun. 2022.

APOLINÁRIO, Josimeire de Souza Lima. Tendências pedagógicas e competências gerais da base nacional comum curricular para a educação básica: implicações para o currículo. Brazilian Journal of Development, Curitiba, Vol.7, n° 3, p.33227-33240, Março, 2021.

BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR: ENTENDA AS COMPETÊNCIAS QUE SÃO O "FIO CONDUTOR"

DA BNC. Sae Digital, 2021. Disponível em: <https://sae.digital/base-nacional-comum-curricularcompetencias/>. Acesso em: 20 jun. 2022.

GUIMARÃES, Camila. SEMIS, Lais. (Brasil). 32 Resposta sobre a Base Nacional Comum Curricular. 2017. Disponível em: https://novaescola.org.br/conteudo/4784/32-respostas-sobre-a-basenacional-comum curricular?gclid=Cj0KCQjwnoqLBhD4ARIsAL5JedLm_NfY0xRrzxfZNjpp_ gt3W30pPYIfHJk2hu3qpUrP8T2QiQgcONQaAvm2EALw_wcB. Acesso em: 20 jun. 2022.

INDISCIPLINA E AUTORIDADE DO PROFESSOR

MÔNICA MARTINS CAMARGO

RESUMO

A atuação do professor e sua autoridade é pautado a partir das teorias de Mônica do Amaral com base ainda na teoria de geração de pessoas de Mannheim Os papéis desempenhados por cada ser social e o papel deles dentro da instituição social configuram as relações de conflito de paz. A potencialidade da juventude e a mediação dos professores, fazem o ser social estabelecerem ou ampliarem contatos com diversas instituições de forma mais intensa A avaliação, os instrumentos utulizados e o seu planejamento a sua configuração caracteriza como as relações podem ser conflituosas se não for caracterizada a juventude e suas potencialidades dentro do universo escolar.

Palavras-chave: INDISCIPLINA, DOCENTE, MEDIAÇÃO.

INTRODUÇÃO

A chamada autoridade do professor em sala de aula e a relação com os alunos é abordada por Amaral (2006) a partir do que denomina como atuação limite onde no campo escolar identifica-se nas ações de natureza agressiva dos alunos que ultrapassam os limites para a manutenção de um vínculo que podem levar a uma violência simbólica que pode destruir toda e qualquer possibilidade de diálogo e de estabelecimento de relações.

Para que isso possa ser mudado Amaral salienta que é necessário o conhecimento do universo destes alunos e o que pensam e o motivo que leva a Escola ser um ambiente onde estes cada vez menos se reconhecem como sendo membros. O rompimento precisa existir entre professores e outros entes da Escola revendo o seu real significado perante os alunos e a sociedade.

Neste sentido complementa-se ao citar o conceito abordado por Amaral (2006) em que é importante analisar-se o trânsito dos seres sociais entre mundos sócio culturais e campos de significados distintos, englobando as noções de geração e variações histórico culturais (MANNHEIM:1977). Amaral (2006) coloca que a identidade juvenil se constitui a partir de diversas vertentes (música, esporte, e novas formas de sociabilidade) o que se aproxima da noção de papel e status social de Chinoy (2006) onde papéis e status aparecem sempre juntos.

DESENVOLVIMENTO

O ser social representa na sociedade diversos papéis. O papel é o que se espera de si. A questão é as atribuições que colocamos ao seu papel. Entra-se então a noção de Grupo onde os papéis e status estão interligados por relações. Há uma identificação dentro deste grupo como o exemplo dos jovens que escutam e cantam funk Elege-se mitos e celebridades, dentro do conceito de Chinoy

(2006), em que entende-se como celebridade aquele que está no topo para aquele grupo. O líder dá coesão, a unidade ao grupo.

A Escola neste entendimento não está gerando um conjunto de expectativas genericamente esperadas para todos. Seria a mesma homogeneização de que todos os alunos apreciariam funk dentro da Escola.

O conflito gera-se também quando se considera que cada ser social preenche os papéis associados a este status, mas que ele precisa ser aceito e compreendido pelos demais grupos a sua volta. Para o professor ser aceito como autoridade seu status precisa ter uma significação e ser reconhecido junto ao grupo de alunos (HARTLEY:1970).

Amaral (2006) relata experiências com jovens onde uma turma de 8ª série sem atividades estruturadas, planejadas dentro de uma rotina escolar, sem professores com diversas aulas onde escrevem textos que não tem objetividade mostram-se desmotivados e sem perspectivas quanto ao seu futuro.

A Escola enquanto Instituição Social precisa de fato de planejamento e acompanhamento de suas ações em prol do atingimento dos objetivos educacionais levantados pela equipe escolar. O Projeto Pedagógico das Escolas precisa ter claro isso como missão e quais os instrumentos de avaliações e correção de fluxo que serão adotadas nas diversas situações, principalmente dentro de contingências como falta de professor, escassez de recursos, aumento e geração de conflitos entre alunos e professores, professores e professores alunos e alunos.

A avaliação precisa ser múltipla para propiciar uma análise mais ampla, não ficando restrita a momentos dentro da Unidade, mas valorizando-se e contextualizando a Cultura institucional de cada Unidade Escolar dentro do seu sistema ou rede de ensino.

A estrutura da Sociedade como um todo precisa estar envolvida quando se discute as gerações de jovens. O jovem tem diversos papéis em diversos status, seja como filho, aluno, membro da Igreja, de um grupo de jovens. As relações entre os seres sociais destes diversos grupos sociais precisam ser analisadas. Os conflitos e as questões de violência podem estar presentes nos diversos status desempenhados pelo jovem.

Amaral (2006) coloca que ao analisar o comportamento dos jovens ao apresentarem um rap como produção a um professor verificou-se que estavam no limite da transgressão "que exige a presença da direção da escola, da sociedade e do governo para que não lhes reste apenas o tráfico, o roubo e a droga como opções!"(AMARAL: 2006).

Tem-se a Escola como local de manifestação do jovem, que não se contenta com as regras sociais que lhe são impostas.

Para Mannheim (1977) a juventude faz parte dos recursos latentes que uma Sociedade tem a sua disposição e de que sua mobilização quanto a capacidade de iniciativa e resistência do ser social. Para sociedade ser dinâmica necessita-se mobilizar estes jovens para que se tenha uma alteração do desenvolvimento social existente até então.

A juventude segundo Mannheim (1977) não tem uma natureza progressista ou conservadora, mas sim uma potencialidade a ser orientada pela Sociedade. É na adolescência que o ser social estabelece ou amplia contatos com diversas instituições de forma mais intensa, em um estado de fermentação. Novos hábitos, costumes e regramentos são diferentes do que tinha contato até o momento Mannheim (1977) cita o jovem neste momento está em uma situação à margem da Sociedade. Desta forma tem-se o conflito gerado e o desafio de sua superação. Esta superação precisa ser orientada, onde o jovem procura modelos como forma de comparação, integrando-se a grupos que lhe dão uma identidade e segurança.

Esta visão de Mannheim converge-se com Chinoy e Amaral evocando a necessidade de outras Instituições Sociais participarem do processo de educação destes jovens. O estabelecimento e o entrosamento do ser social ultrapassam os muros da Escola.

O filme "Entre os Muros da Escola" (CANTET:2007) traz experiências de um grupo de alunos na França. A diferença social e cultural gera incompreensão e conflitos entre alunos e o professor Destacadas as diferenças entre França e Brasil e restringindo-se na análise do conflito do jovem com a Escola e com seus entes reforça-se o conceito de que o conflito existe somente na Escola e que ela é a única responsável em resolver.

A Instituição familiar reveste-se de grande importância neste processo necessitandose ter uma atuação em conjunto da Escola, precisando as duas Instituições serem parcerias no processo de Educação do jovem.

Sendo a Escola um local onde ocorrem estas manifestações nota-se que o seu papel enquanto Instituição Social, mesmo que inconscientemente, existe para os jovens. Existe uma ligação onde a Escola inicialmente é o local de encontro dos jovens, dentro de uma noção de segurança social e onde terão relacionamentos entre os diversos grupos. No relacionamento entre os grupos surgem conflitos que nem sempre estão relacionados ao Universo Escolar, mas a problemáticas ligadas ao entorno da Escola, trazidas pelos alunos ao seu interior. Fonseca (1995) aborda esta questão ao compreender que a Escola, como Instituição educacional, revela os problemas das crianças e jovens e não somente os seus atributos e competências.

Ressignificar experiências, e propiciar novas experiências na Escola torna-se im-

portante para o aluno rever o seu papel até mesmo dentro da Sociedade. Atrair o aluno oferecendo outras possibilidades além das que já conhece precisa acontecer desde as séries iniciais. No Ensino Médio as mudanças tornam-se mais árduas devido o aluno não ter recebido estímulos e outras experimentações anteriores, mas não impede de algumas situações serem apresentadas. O contato com as artes e a música precisa ser mais amplo do que simplesmente trazer para a Escola o rap, o funk e a capoeira. A Escola é um local de experimentação e contato com outros conhecimentos e realidades.

Amaral cita que é necessário ter-se o encontro do mundo juvenil e de suas formas de expressão dentro do universo escolar. A simples reprodução na Escola de realidades já vividas é tão ou mais complicada de gerar a mudança social clamada por Mannheim como se apresentar outras realidades desconsiderando e não relacionando com a já vivenciada pelo aluno. O jovem precisa constantemente ser levado a aprender a aprender, fazendo, questionando sendo orientado em seu processo pelo professor. Neste ponto Amaral converge novamente com Mannheim onde o jovem passa a ter melhores condições de subjetivação de sua realidade, propiciando a ruptura e mudanças em seu cotidiano, o que acaba fortalecendo a equipe escolar que passa a retomar a sua autoridade perdida.

Estudo de Caso

Foram efetuados alguns estudos de casos a partir de informações coletadas na leitura dos livros de reuniões pedagógicas de Escola Municipal de Ensino Fundamental da Rede Municipal de São Paulo nos anos de 2010 e 2011.

Um segundo estudo de caso foi colhido a partir de depoimentos dados por Assistentes de Diretor de Escola em formação efetuada pela Fundação de Apoio da Faculdade de Educação da USP (FAFE) no primeiro semestre de 2012, voltadas para Escolas das Diretorias Regionais de Educação de Campo Limpo, Butantã e Pirituba.

A coleta deste corpus foi possível a partir de registros de entrevistas realizados em uma Escola juntamente com um Assistente de Diretor que trouxe os materiais, posteriormente utilizados como base para uma formação e reuniões sobre convivência escolar realizados com os pais dos alunos no segundo semestre de 2012.

O entrevistado atuou como professor e Presidente do Conselho da Escola do primeiro caso. No segundo caso o mesmo apresentou uma ocorrência que tem registrada e que foi comentada na formação periódica já como Assistente de Diretor de Escola.

Reuniões pedagógicas

O primeiro estudo de caso traz a tona registros coletados nos livros de reuniões pedagógicas realizadas em 2010 e 2011 em uma Escola da Rede Municipal de São Paulo de ensino fundamental. A escola situa-se no Campo Limpo, na área de uma antiga COHAB. Tem mais de 40 anos de existência e tem índices do IDEB acima da media da Capital. Atende alunos do ensino fundamental regular e a educação de jovens e adultos no período diurno. Possui cerca de 968 alunos no ano de 2012. Os registros fazem parte de livros oficiais e estão também digitalizados, uma pratica desde o ano de 2009 no sentido de facilitar e divulgar as informações por meio de lista de correio eletrônico, conforme informado pelo entrevistado.

A análise do trecho seguinte possibilita verificar o entendimento que se tem sobre a questão da indisciplina e a abordagem feita dentro de uma reunião de professores e equipe técnica (coordenadores pedagógicos e direção escolar). Os nomes foram trocados para preservar a identidade dos participantes, uma vez que o foco reside na análise do caso e não no individuo:

"A indisciplina foi um ponto ressaltado pela Professora M1 e que as regras deveriam ser seguidas. O Coordenador Pedagógico Nelson lembrou estas relações e o trabalho com o aluno. A questão do celular foi muito problemática, uma tecnologia e que precisamos ver uma forma do seu uso no dia a dia da Escola. Não se deve buscar através do embate com uma turma como oitava série. Alguns acordos podem ser necessários para uma melhor convivência, segundo a Professora R, Diretora da Unidade Escolar. Professora M2 colocou as regras que tem com as turmas e o que considera essencial e quais os momentos em que o celular não interfere."(ADHEMAR DE BARROS:2010)

No fragmento acima, retirado de uma ata de reunião pedagógica, verifica-se uma discussão sobre o uso do celular em turmas de oitava série do Ensino Fundamental de 8 anos. O chamado embate entre aluno e professor ou mesmo aluno e escola fica marcado quando as regras são apenas impostas e não partem de um processo dialógico, como defendido por Amaral (2006). A Diretora da Unidade Escolar e uma professora aborda exatamente a necessidade de uma flexibilidade e de uma construção coletiva aluno e escola. O exemplo acima torna-se interessante no sentido da analise por ser exatamente o mesmo ano escolar abordado nos estudos de Amaral (2006).

A formação dos grupos em sala de aula precisa, conforme algumas colocações podem ser alterados para melhorar o rendimento dos alunos. O raciocínio abstrato, concepção de processo não é possível de ser compreendido por muitos alunos. O aluno

ao ser encaminhado para a Direção entende que se deve somente devido a um fato ocorrido naquele momento, sem a noção do processo, dos acontecimentos anteriores. Isso precisa estar sempre sendo esclarecido e demonstrado que existe uma escala de gravidade do ato. Sobretudo o ambiente escolar não pode se voltar para a questão punitiva. Amaral (2006) reforça a questão do ambiente escolar estar voltado para o educacional. A proximidade aluno escola precisa existir e os estímulos podem ser iniciados a partir da postura aberta e dialógica do grupo gestor, professores e no contato com a família.

Em outra reunião pedagógica da mesma escola do fragmento anterior, realizada no ano seguinte, novamente o tema indisciplina voltou à discussão:

"Após a discussão de alguns casos de indisciplina de alunos o Coordenador Pedagógico N citou que o aluno está construindo um conceito, mas a Escola é um filtro e precisa-se fazer uma reflexão constante com o aluno. Verificar a causa é importante. E aprender com estes alunos." (ADHEMAR DE BARROS:2011)

No enxerto acima tem-se uma boa síntese do papel que a Escola precisa desempenhar na busca pelas soluções. Verificar as causas para a existência da dispersão e indisciplina do aluno. Tratar o aluno como ser social ativo e protagonista de suas ações.

O aluno que não quer seguir regras tem casos que vem desde o ensino fundamental regular até a Educação de Jovens Adultos. Uma das formas de ação defendidas pela Coordenação Pedagógica da Escola analisada e que corrobora com as indicações feitas por Amaral (2006) volta-se para o diagnóstico preliminar. O Professor precisa primeiro diagnosticar o caso e o Coordenador ter estas informações

Uma situação regular também onde o aluno resolve entrar em confronto com um aluno acaba gerando um problema para todo o grupo de professores, pois o aluno pode passar a ver todos os professores como alguém que vai entrar em confronto com ele. Educação deve ser entendida em diversos pontos, onde o aluno é um ser humano onde em sua totalidade é emoção. Legislações e regras são para controlar emoções. As mães e as famílias não estão lidando com as próprias emoções. Educar é ensinar as pessoas a lidar com as emoções. A construção do ser social deve ser feita de forma coletiva. Alguns alunos ainda não sabem lidar com estas emoções em certas situações, no entanto, muitos adultos também não sabem lidar.

Os alunos da 5ª série ainda estão aprendendo a lidar com algumas situações como a troca de professores constante, considerando que antes tinha-se um professor polivalente e agora um para cada disciplina. Precisa-se ajudar uma pessoa, que está construindo algo que outros já construíram. Ofender o aluno não adianta porque ele já é ofendido. O mesmo acontece quando o professore resolve colocar o aluno para fora da sala de aula como uma punição. O aluno ao estar fora da sala tem a percepção de que está perdendo o contato com o grupo de colegas e não a perda do que o Professor está trabalhando. O estar na escola é um status assim como ir para o Ensino Médio, estar na Faculdade, Mestrado. A noção de status se acentua cada vez que o nome da Escola se amplia e se firma perante as demais unidades escolares da região, seguindo o entendimento de Hartley (1970). O conjunto de atividades que existem na Escola são e precisam ser vivenciados pelos alunos.

Ocorrências Escolares

No ano de 2012 a Prefeitura de São Paulo, através de sua Secretaria Municipal de Educação – SME, firmou uma parceria com a Fundação de Apoio da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo - FAFE, com cursos voltados para os Assistentes de Diretor de Escola, notadamente os profissionais que acabam por se envolver no atendimento e registro de ocorrências escolares mediando o conflito aluno – aluno e aluno professor. Os encontros formativos foram realizados no primeiro semestre de 2012 e envolveu profissionais de Escolas das Diretorias Regionais de Educação do Butantã, Campo Limpo e Pirituba na sede da FAFE.

Nestes encontros de 4 dias com 6 horas cada um de duração os Assistentes reunidos em grupos, cada um com escolas da mesma Diretoria Regional de Educação – DRE, puderam verificar as dificuldades e pontos em comum de cada unidade escolar e analisar alguns estudos de caso trazidos pelos participantes

A chamada cultura do registro precisa ser adotada. Os presentes na formação denominaram entre si cultura do registro o ato de registrar todas as ocorrências de forma clara e que fiquem acessíveis em todos os momentos em que se faz necessária a verificação e acompanhamento da rotina do aluno. Além do registro a necessidade de ações pontuais e ações coletivas que envolvam toda a comunidade Escolar.

A descrição da ocorrência que será analisada, aconteceu em uma escola de ensino fundamental, próxima do Shopping Campo Limpo. Considerada escola como muitos alunos de passagem (alunos que residem longe, mas que vão para a escola devido a mesma estar no caminho do trabalho dos pais), mas com trabalho e rendimentos no IDEB que se destacam acima dos índices da capital e um dos melhores de Campo Limpo, a escola sempre foi considerada e bem afamada na região e entre os diversos educadores da Secretaria Municipal de Educação.

Apesar de um pouco longo o trecho, o mesmo mostra alguns pontos convergentes com a base teórica do presente trabalho:

DESCRIÇÃO DO CASO:

A aluna x possui desempenho escolar (aprendizado) excelente. Porém apresenta desvios de conduta desde o segundo ano do Ensino Fundamental. No primeiro conflito ocorrido (no segundo ano) a aluna acusou a professora de ter batido nela. Após medicação da Equipe Técnica, a família continuou acreditando na aluna e esta continuou o ano letivo com a mesma professora. Na quarta série, ela se indispôs com outra aluna (aluna y) na classe (em uma briga por liderança) e na saída da escola chegou a ameaçar a aluna y na frente da mãe da mesma, que reagiu e empurrou a agressora (aluna que fez a ameaça). Ocorrido isso, a mãe da aluna X procurou a escola dizendo que a mãe da aluna y havia agredido fisicamente sua filha. A equipe técnica novamente mediou a questão e o ano letivo, que já estava no fim, foi concluído sem maiores problemas. Durante a quinta série, houve problemas disciplinares diversos, todos no âmbito da provocação aos demais alunos e desrespeito com alguns professores. A escola fez intervenção nas ocorrências cabíveis, chegando a remanejá-la de turma por três vezes.

A aluna x está agora na sexta série e os problemas disciplinares estão se agravando. Há o desrespeito constante aos colegas, incluindo casos de bullying com alguns deles. Também há o desrespeito à autoridade dos professores e também à autoridade dos gestores da escola.

A fala da família (principalmente da mãe) em todas as ocasiões é que a única exigência em relação à filha é que ela tenha excelente desempenho (notas) e nisso a filha é eficiente. A mãe acredita que sua filha é perseguida por alguns colegas e professores e fala isso de maneira agressiva. A mãe também diz que a responsabilidade pelos atos da filha é dela e que pela filha é capaz de matar ou morrer. O pai atende às convocações e diz que irá intervir em casa, porém isso não ocorre/não se verifica nada no cotidiano escolar.

Nesta semana, houve um desentendimento da aluna x e outras alunas de séries diferentes durante o intervalo. As alunas disseram que iriam bater nela na saída e a aluna x falou que o pai (que é GCM) possui uma arma e que ela a levaria na escola para "acertar as contas". A direção tomou ciência desta última ocorrência através de um pai (responsável por uma das alunas envolvidas) que está muito preocupado, mas não tem provas para acusar a aluna X de realmente ter cometido este ato. O pai da aluna envolvida, z, quer inclusive transferir sua filha de escola. Material pessoal do entrevistado coletado na entrevista.

O caso acima foge do padrão por muitos esperados de que aluno indisciplinado e que causa conflitos tem como perfil baixo aproveitamento escolar.

Percebe-se que no dia-a-dia da escola se tem uma cisão cada vez mais evidente entre o professor e o aluno e sua relação. Entende-se que isso se dá por diversos motivos:

• Vaidade do professor que se convence com a hierarquia do saber e coloca isso como fundamental.

• A falta de habilidade para lidar com as diferenças encontradas no corpo discente, hoje as categorias não são mais homogêneas, a individualidade deve ser levada em conta para que possamos trabalhar competências e habilidades.

• A desmotivação para o trabalho com projetos, pois exigem pesquisa, acompanhamento e avaliação, preferem utilizar recursos arcaicos que não atendem mais os anseios dos educandos.

• O acúmulo de cargos que o professor necessita para suprir suas necessidades básicas, desestimula-o, pois não encontra tempo para sua formação individual, para o preparo e acompanhamento dos projetos e para atividades culturais ou de lazer.

Sabe-se que, para a reversão desse quadro, encontros são essenciais, além de formação. Porém, alega-se que não há tempo e a rotina da escola é diferenciada. A violência da escola se inicia com esse problema, o comportamento do aluno acaba prejudicando a aula e o aluno assume esse comportamento porque não tem interesse na aula, segundo alguns dos presentes na formação de Assistentes de Diretor de Escola.

O contraponto a esta posição aparece justamente nos registros efetuados na reunião pedagógica da primeira escola. O interesse na aula esta em justamente o aluno ter sido conquistado e que seja significativo o momento. Mesmo conteúdos mais densos podem ter maior aceitação e interesse quando se busca maior didática e praticas que envolvam o aluno como um protagonista em seu processo de aprendizagem (AMARAL:2006).

CONCLUSÃO

Compreender o aluno enquanto ser social e a Escola como espaço formativo e instituição social foram apresentados a partir de importantes autores da Sociologia e da Educação e corroborados por ações desenvolvidas em experiências vivenciadas em Unidades Educacionais da Rede Municipal de Educação.

A compreensão da necessidade da discussão e principalmente da compreensão dos papeis sociais da Escola, dos professores